

Roberto Müller Bueno

Nascido em 2 de junho de 1918, no Rio de Janeiro, Roberto Muller Bueno seguindo os ideais do pai, ingressa, precocemente na Faculdade de Medicina aos catorze anos.

Também do pai, herdou o amor pelo mar. O Dr. Mazzini Bueno possuía uma pequena embarcação de recreio, uma catraca com a qual levava seus filhos a passear na Baía de Guanabara, próximo a enseada da Urca. Por questões terapêuticas, Mazzini Bueno recomendava o contato com o mar para os asmáticos e Roberto era um deles. Da necessidade do mar ele tirou o prazer de velejar.

Seu primeiro barco foi um sharpie, lotado no **late Clube Brasileiro**, em Niterói. Influenciado por Anchyses Carneiro Lopes, seu cunhado, Bueno manda construir um star que batiza de *Xodó*.

O médico Roberto Bueno, não poupava tempo para o esporte. Grande starista, um dos pioneiros da vela e 1ª medalha de Ouro nos Jogos Pan-Americanos de 1951 na classe *Star*, foi um dos grandes incentivadores do esporte da vela no Brasil.

Edna, sua mulher, lembra-se com orgulho da honestidade de seu marido nas competições e relata que certa vez, numa regata no fundo da baía de Guanabara, quando a maré vazou rapidamente o barco pousou numa pedra e travou. Edna prontamente sugeriu que se desse uma “empurradinha” no barco ao que Bueno prontamente disse não, de jeito algum. E eles, que lideravam a regata, ficaram então a assistir seus companheiros passarem a frente, um a um. Quando a maré subiu o barco se soltou e eles voltaram à regata. Competição perdida mas, consciência tranqüila.

Edna lembra-se também de como Roberto reagia às situações onde a calmaria dominava. Enquanto alguns outros relaxavam até a calmaria passar, ele permanecia atento à chegada do vento. Qualquer movimento ele ordenava a Edna que ficasse a postos para caçar a vela ou folgá-la. De forma que, quando começasse a chegar o vento, tudo estaria organizado e eles estariam atentos ao menor sinal. Ele chamava a sua atenção se ela desviasse o olhar para os outros velejadores e a proibia de colocar um dedinho que fosse na água, quanto mais o pé inteiro.

Tutuca, sua filha, achava mágica esta coisa de ver o vento chegar no mar. Ela relata que levou muito tempo para compreender esse fenômeno. De fato, há uma beleza singela quando o vento toca o mar e este responde sutilmente ao contato.

Como sócio e freqüentador assíduo do **late Clube do Rio de Janeiro**, Roberto percebera que as classes de barco ali existentes eram próprias apenas para adolescentes e adultos. As crianças menores não tinham embarcação adequada ao seu tamanho. As outras atividades existentes no clube também beneficiavam apenas aos adultos. Roberto notou que havia necessidade de tornar o clube atraente também para as crianças, caso contrário, desagregaria a família nos fins-de-semana. Desta observação surgiu-lhe a idéia de instituir a “Vela para crianças” implantando uma nova classe no Rio. Escreveu então a um companheiro americano que o aconselhou na

escolha da classe *Pingüim* pois além de ser o barco mais adequado para as águas da Guanabara era também o ideal para que os meninos desenvolvessem o sentido de companheirismo que uma tripulação impõe. Encontrou apoio em Paul Buckup que fizera o mesmo em São Paulo alguns anos antes. Instituiu então a Flotilha 138 que recebeu mais tarde, o nome de Carlos Henrique Belchior. Foi escolhido para Capitão da Flotilha, Carlos Cairo que muito se empenhou pelo desenvolvimento dos pequenos velejadores dando-lhes incentivo e suporte, transformando inclusive, seu box no clube, em uma verdadeira oficina de apoio.

Bueno tinha tanto entusiasmo e idealismo no que fazia que muitas e muitas pessoas o apoiaram na iniciativa do programa que implantou a vela para crianças no Brasil. Este apoio foi essencial na consolidação do programa quando, sentindo necessidade de formalizá-lo e sistematizá-lo, Roberto criou a **Escola de Desportos Náuticos**, sediada no **late Clube do Rio de Janeiro**, na gestão do Comodoro Carlos Pires de Mello.

Através do mar, Bueno ensinou muitos valores nobres a seus filhos e a seus discípulos. Enfatizou a importância dos que participam da regata e não dos que a conquistam. O entusiasmo do que está vencendo é a perseverança do que está atrás.

Quando Bueno mudou-se com a família para Florianópolis, logo procurou o **Veleiros da Ilha de Santa Catarina – VISC** para associar-se. Começaram a freqüentar. As únicas mulheres que iam ao clube eram sua mulher Edna e sua filha Tutuca. Era um clube de homens. Sua filha, nessa época, tinha 15 ou 16 anos e achava muito estranho ver que as mulheres que iam até o clube, não ultrapassavam a porta de entrada. Iam apenas apanhar seus maridos e para isso tocavam a buzina do carro e aguardavam-nos. Era o início da década de 70 e esta segregação já não cabia mais numa sociedade moderna.

Bueno então introduziu a classe *Optimist* no clube. Esta foi a medida mais transformadora que não somente o clube mas, a sociedade local sofreu. A partir da introdução da vela para crianças, houve a necessidade de abrir as portas do clube às meninas e atrás delas foram suas mães. O clube deixou de ser exclusivamente de homens e tornou-se um promissor clube de regatas onde as mulheres tiveram ativa participação.

Anos mais tarde, quando Roberto Bueno não morava mais em Florianópolis, as mães do *Optimist* do **Veleiros da Ilha de Santa Catarina**, aproveitando a sua visita ao clube, ofereceram um jantar em sua homenagem onde atribuíram a Bueno a mudança do perfil do clube.

Num Campeonato de todas as classes realizado no Rio de Janeiro, na década de 80, a flotilha de *Optimist* de Florianópolis participou homenageando Roberto trazendo estampado nas camisas dos pequenos velejadores o seu nome, dado à flotilha.

Roberto Bueno é lembrado por todos os pinguinistas com muito carinho. Marco Aurélio Paradedda recorda-se da fala tranqüila de Bueno, e de seu apoio paternal, o que muito tranqüilizava os velejadores.

Maria Elizabeth Beth Labouriau